

## **Memórias de uma Quimera O Folkativismo na obra de Jaider Esbell<sup>1</sup>**

Maria José OLIVEIRA<sup>2</sup>  
Instituto Federal de Alagoas – IFAL/Campus Coruripe

Aprendi através de Conceição Evaristo que, diferentemente dos postulados acadêmicos eruditos, a Escrivência — aquela escrita que brota do nosso cotidiano, dos nossos fazeres e afazeres, memórias, sonhos e quimeras — carrega em seu bojo as crenças que sustentam e dão sentido à nossa existência.

Utópica que sou, sempre desconfiei das certezas, sejam elas minhas ou alheias. Ancoradas pelas minhas crenças, as portas para outras possibilidades permanecem continuamente abertas. Esta circunstância nos leva a trilhar por territórios desconhecidos, onde o desafio é presença constante. As memórias que aqui colocarei constituem num desses desafios provocados pelo professor Dr. Guilherme Moreira Fernandes, presença constante e solidificada nas últimas duas décadas da minha existência.

Conheci o professor Guilherme em 2006 quando este cursava os anos iniciais do curso de Jornalismo da UFJF onde, por ocasião de um evento cultural – SECULT, fui convidada para proferir uma palestra na qual abordei questões sobre comunicação e cultura popular. Ali, naquele momento, criou-se o amálgama selando nossa amizade e afinidade pela Folkcomunicação — território pelo qual o então aluno Guilherme Fernandes, se consolidaria como uma grande referência desta teoria e hoje, atual presidente da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação, me enche de orgulho ao vencer o “Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação 2023” na categoria “Liderança Emergente”, honraria e reconhecimento pelo conjunto de sua obra.

Durante a ascensão em sua carreira de professor/educador/pesquisador, sua mão, seu estímulo e suas provocações, por vários momentos, me tiraram da zona de conforto. Uma dessas inúmeras ocasiões ocorreu em 2019 quando me convida — na verdade, me desafia — a proferir uma palestra sobre a arte dos povos originários durante a Jornada

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom – GP Folkcomunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado na PUC Minas entre 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Mestra em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, graduada em Educação Artística pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Professora de Estudo da Arte, e-mail: maria.artes@ifal.edu.br

Beltraniana, no 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Belém/PA. A princípio pensei em recusar por se tratar de um território pouco ou quase nada explorado em minhas investigações. Vale ressaltar que, apesar das reflexões decoloniais advindas das leituras, diálogos, maturidade e conscientização, ainda era muito incipiente a tentativa de distanciamento da minha formação acadêmica, que se deu no período de redemocratização, fase embrionária do processo de abertura política e reintegração das instituições democráticas no país.

Graduada em Educação Artística na virada da década de 80/90 do século XX, testemunhei os esforços daquela geração na construção de um país democrático, momento também em que o Estudo da Arte passaria por grandes transformações. Mas a batalha nunca foi fácil. Ainda carregamos vestígios de uma formação com pitadas tecnicistas e grande dose de colonialismo. Porém, como grande parte dos jovens da época, reverenciava Legião Urbana, Cazuza, Raul Seixas, Milton Nascimento, Chico Buarque de Holanda e tantos outros ícones daquela geração que descortinaram uma sociedade alternativa, afetiva e utópica. Mas a distopia era real. E a realidade nos exigia dinamismo e rapidez que, mesmo ciente de outras possibilidades, a sobrevivência de muitos de nós estava condicionada à “vida de gado” que nos foi imposta e, tal qual a um axioma, resultou no apagamento de outras epistemologias.

Estas foram as considerações que me fizeram, num primeiro momento, declinar do convite feito pelo professor Guilherme para desbravar um território que, para mim era pouco conhecido, ou até mesmo que pertencia à esfera do romantismo. Foi neste momento em que me reporte ao ano de 2016, quando, ao entrar no Parque Ibirapuera para visitar a 32ª Bienal de SP, uma série de questionamentos ocuparam minha mente através do título e conceito curatorial da exposição: “Incerteza Viva”.

Imbuída em meu espírito dionisíaco, enxergava esta incerteza como um diálogo com o desconhecido, campo fértil para a imaginação, onde a arte pudesse ser destruída, reconstruída e ressignificada. Apesar de estas premissas acompanharem a trajetória da arte contemporânea, aquele era o meu momento de profunda imersão. Sempre visitei as bienais de SP, mas até então nunca o relógio tinha me permitido fruí-la.

Logo ao entrar no pavilhão, deparei-me com uma gigantesca oca que, imponente, marcava seu território num nítido diálogo, contraste e confronto arquitetônico com o concreto da estrutura modernista de Oscar Niemeyer. Tratava-se da obra de Bené Fonteles

“Ágora: Oca Tapera Terreiro”, numa transposição temporal e dialógica entre os antigos gregos e os povos originários. Ao entrar na oca, deparei com um enorme terreiro circundado por memórias, reflexões, provocações e inquietações de diferentes povos e culturas. Era o local do encontro e da partilha, onde as pessoas podiam sentir, ouvir, falar, dançar, cantar e interagir. O espaço original era sustentado por duas grandes colunas que, ao serem revestidas por grafismos indígenas, passaram a integrar e incorporar o espaço transformado e ressignificado. Naquele espaço, assimilei em sua completude um dos ensinamentos da liderança indígena Ailton Krenak que nos convida e nos orienta a “pisar suavemente na terra”. O chão, solo que abriga nossas raízes, subterrâneo que é, muitas vezes não somente é apagado, mas também sufocado, impedindo-o de manifestar os seus desejos. Ao deixar daquele território o vi como uma nova porta de possibilidades.

Saindo da oca, deparei com uma instalação igualmente provocativa do artista polonês e naturalizado brasileiro Frans Krajcberg, que veio a falecer um ano após. Sua obra, que já me chamara a atenção há muito tempo, exala a natureza era seu refúgio, sua inspiração e sua causa maior, resultando em forte apelo poético, estético, político e ambiental. No documentário “Frans Krajcberg: Manifesto”, dirigido por Regina Jehá, o artista sintetiza o caminho da arte: “Após séculos de ‘tirania do objeto’ e seu clímax na apoteose da aventura do objeto como linguagem sintética da sociedade de consumo – a arte duvida de sua justificação material, ela se desmaterializa, se conceitua”. Ali, naquele lugar, sua composição harmônica e inquietadora ao mesmo tempo, era composta por seres que literalmente foram emergidos das cinzas provenientes da queima dos manguezais. Um apelo e protesto aos discursos das instituições oficiais recheados de galimatias.

No andar superior, dentre tantas outras obras inquietantes, deparei-me com o os painéis de Carolina Caycedo “A Gente Rio–Be Dammed (A Gente Rio–Barrado seja)”. Resultado de pesquisas, estudos de campo e atividades com comunidades ribeirinhas abaladas pela privatização das águas, a obra é composta por histórias amargas em decorrência da Usina Hidrelétrica de Itaipu, que gerou enorme expropriação de terras, impulsionando o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); a Usina Hidrelétrica de Belo Monte, no Rio Xingu, com várias irregularidades no licenciamento ambiental e a Represa de Bento Rodrigues, cujo rompimento ocasionou uma tragédia ambiental sem precedentes país ao poluir nossas águas com rejeitos da mineradora Samarco. Aos poucos fui percebendo a conexão de diferentes obras de diferentes culturas.

Continuei absorvendo os espaços do pavilhão onde cada obra observada era precedida por momentos de contemplação e incertezas. Este momento foi a ponte que me interligou ao futuro quando aceitei o convite desafiador feito pelo professor Guilherme.

Por onde começar? A partir do mote proposto, a princípio selecionei duas hipóteses para minha abordagem: o “olhar” do observador ou o “falar” do criador? Uma terceira possibilidade seria um passeio por estes dois campos, o que posteriormente acabou concretizando.

De imediato veio-me uma sensação de pesar por ter postergado por anos uma visita que almejava fazer ao “ateliê Natura” instalado num sítio ao sul da Bahia, na cidade de Nova Viçosa, por onde residiu por mais de quarenta anos Krajcberg. Fato é que eu não queria apenas fazer uma busca na literatura baseada em relatos, pesquisas e experiências de terceiros. E assim, minhas incertezas continuaram.

Dentro das minhas incursões acadêmicas, possuía algum conhecimento sobre a arte Kusiwa, produzida por índios Wajãpi, habitantes do município de Pedra Branca do Amapari, Amapá que, juntamente com o Ofício das Paneleiras de Goiabeiras (ES), constitui no primeiro bem considerado Patrimônio Cultural do Brasil, como parte do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, criado em 2000.

Sem querer entrar em questões político-ideológicas, faz-se imprescindível ressaltar que naquele ano de 2018 o Brasil teria iniciado um longo e interminável período de quatro anos, marcado por inúmeros retrocessos principalmente na esfera da educação, cultura e meio ambiente, em detrimento a privilégios indevidos concedidos a grandes corporações. Outro ponto que merece destaque é que, como consequência deste contexto, naquele momento as páginas dos jornais de todo o planeta chamavam a atenção para os povos indígenas da etnia Wajãpi com o brutal assassinato do cacique Emyra Wajãpi. Em respeito ao luto, cerimônias e práticas de rituais, característicos dos povos originários, me declinei em explorar esta seara que, a princípio me veio à mente.

Continuei minha busca. Em meio às minhas elucubrações, me veio à memória de que uma das últimas premiações do PIPA teve o reconhecimento de artistas indígenas. Criado em 2010 e realizado anualmente, o Prêmio PIPA é considerado uma das principais premiações de arte contemporânea do país e seu principal objetivo constitui em divulgar, incentivar e reconhecer a produção de arte contemporânea brasileira. Foi aí que encontrei Jaider Esbell, um dos vencedores da edição de Prêmio PIPA 2016. Posteriormente viria a

conscientizar-me de que já tivera contato com sua obra. Mas o local do encontro é o local do reconhecimento. E foi daí que os caminhos me foram abertos para a Arte Indígena Contemporânea pelos traços e pinceladas de Jaider Esbell.

Parti para a busca ativa. Paralelamente às tentativas de contatos diretos com os artistas indígenas contemporâneos, mergulhei nas críticas e na literatura afim. Aos poucos fui observando que Jaider Esbell era presença constante em vários dos documentos por mim pesquisados. Até então eu não tinha noção da dimensão e projeção que ele tinha alcançado no mundo da arte. Acredito que este desconhecimento foi o que possibilitou os diversos diálogos, partilhas e incrementos não apenas para subsidiar a minha fala, mas, principalmente, para o meu fazer pedagógico enquanto professora de Arte.

Indígena da etnia Makuxi, Jaider Esbell nasceu na cidade de Normandia (RR), na terra indígena Raposa Serra do Sol. Fundou a Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea, espaço coletivo, colaborativo e independente que alavanca a produção e difusão de artistas indígenas. A galeria abriga um importante acervo com obras de artistas de diversos povos indígenas do Brasil e das Américas, uma biblioteca com obras de referência sobre arte, literatura e educação indígenas, além de realizar atividades educativas.

Diferentemente de muitas personalidades de difícil acesso, logo na primeira tentativa de contato, falei com Jaider Esbell. Confesso que não estava preparada para este diálogo e por isto não tinha elaborado nenhum roteiro para nortear minhas questões. Após me apresentar e dizer o motivo da minha ligação e considerando sua receptividade, questionei se ele teria um tempo para agendarmos uma conversa sobre seu fazer artístico. Apesar de ter sinalizado positivamente, me disse que preferia antes me enviar algumas entrevistas cedidas por ele. Assim o fez. No dia seguinte recebi uma série de links de suas entrevistas com a seguinte frase: “se suas dúvidas ainda persistirem, é só chamar”.

Após ler todas as matérias e entrevistas, busquei uma pergunta que pudesse ser dialogada com a teoria da Folkcomunicação a fim de estabelecer um link com o aporte da palestra. Antes que eu pudesse formular esta pergunta, Jaider me envia cópias da sua exposição “Era uma vez Amazônia”. Conforme já dito, apesar de já ter “esbarrado” com estas obras em outros espaços, naquele instante eu senti a força daquelas imagens, recebidas pelas próprias mãos do criador. Elas tomaram outra dimensão e consistiram em norteador da minha pesquisa.

Imagens de luto e de luta. Eram painéis de um preto sombrio, umbroso, porém providos de tamanho vigor que faziam cintilar o branco dos traços fortes que completavam a denúncia de tragédias viscerais. Era um grito de socorro. Era a voz dos excluídos escrita com pinceladas de um artista indígena. A obra descortinava uma visão atualizada da Amazônia sob a ótica do habitante local. Seus traços remetem à cosmologia do seu povo, denunciando, provocando e levando ao público reflexões acerca do capitalismo que ronda o nativo da terra.

A seguir, transcrevo um dos recortes de muitas das nossas conversas sobre a arte dos povos indígenas, ora por telefone, ora por whatsapp:

“Eu, enquanto artista indígena e pesquisador prático, vejo arte indígena contemporânea, acima de tudo como uma **projeção política** de várias manifestações da nossa diversidade étnica. Acreditamos abranger todos os assuntos existentes no mundo a partir de nossa perspectiva. Ela não vem duelar com a arte europeia, mas é um **forte instrumento de denúncia** contra o que a arte europeia tem reproduzido, a supremacia.

Por meio do trabalho midiático de alguns artistas indígenas, sua naturalidade e efeito têm sido percebidos nos mais distintos campos. Como artistas, deixamos o sistema de arte curioso, pesquisadores atentos e o governo incomodado.

#### **Fazemos política através das artes.**

Para nós elas têm sentidos, propósitos, estratégias e tempos próprios. Ela não vem para ficar no museu ou levar o índio pra floresta ou salvar o mundo. Ela vem visibilizar pessoas e suas lutas por dignidade”.

Sua colaboração não parou por aí. Jaider Esbell intermediou os caminhos para minha aproximação com outros artistas indígenas como Daiara Tukano, Denilson Baniwa, Katú Mirim, Daniel Munduruku, Cristino Wapichana, Djuena Tikuna, Nei Xakriabá, dentre outros. Missão cumprida.

Em setembro — durante o evento — sob a proteção da floresta amazônica, ao compor a mesa e prestes a iniciar a minha fala, pedi licença aos povos da floresta e adentrei neste universo com respeito e reverência, pisando suavemente em suas terras.

Meu contato com Jaider Esbell se manteve presente através de alguns esporádicos contatos com dicas de exposição, leituras e outras referências. Em 2019 fui surpreendida ao receber uma mensagem sua perguntando se poderia fazer uma chamada de vídeo. Ele queria me apresentar uma de suas mais recentes obras que passou por um

---

processo de ressignificação, vindo a ser intitulada de “Carta ao Velho Mundo”. Trabalho inspirador e instigante que merece uma análise específica e exclusiva.

Porém, minha maior aproximação com Jaider Esbell se deu durante o confinamento social em função da pandemia do Covid 19. Diante de um panorama de medo, angústia, insegurança e incertezas, mergulhamos numa dimensão onde a Arte jamais havia se mostrado tão necessária e reivindicada. Muitas vezes negligenciada e subjugada, foi ela que muitas vezes nos deu alento e sanitizou nossas mentes.

Com o estreitamento das nossas conversas, estava prestes a considerá-lo como amigo. Em uma de nossas conversas falamos sobre seus ancestrais, o cheiro da natureza, o cheiro da terra, o cheiro do silêncio. Ele me incentivou plantar cebolinhas, alecrim e manjerição. Foram tantas conversas “miúdas” que carregavam um valor extraordinário pela sensibilidade e profundidade destes diálogos. Também falávamos da necessidade da arte e de sua trajetória enquanto “artista”, como gostava de ser identificado.

Jaider Esbell me auxiliou em diversos momentos durante a pandemia. Nunca me negou sua participação em alguma *live* que fazia com meus alunos em ocasiões específicas. Certa vez não pôde fazer ao vivo, mas fez uma gravação e me encaminhou, assim como me encaminhou vários materiais que me seriam úteis, entre vídeos, documentários e até mesmo trabalhos acadêmicos. Fez vários podcasts para meu fazer pedagógico, me orientou em como realizar performances onde a cultura indígena estivesse presente. Se tornou minha referência.

Como os dias eram longos e, a fim de exercitar o ócio criativo e produtivo, imergi em *lives* infundáveis e me aproximei um pouco mais das redes sociais. Apenas um pouco, mas foi o suficiente para me conscientizar da real dimensão de Jaider Esbell. A estas alturas, já estava convicta de que, além de um grande SER, ele era um grande artista. Mas a pandemia me mostrou um Jaider Esbell gigante, disputadíssimo por todas as esferas, instituições, galerias, museus, universidades, ongs, jornais e revistas de todo o mundo.

Em meio a estas descobertas, li em um “Segundo Caderno” que a obra “Entidades”, famosa instalação com duas serpentes gigantescas e infláveis, imponentes, coloridas e imperativas que ocuparam várias metrópoles brasileiras, era de sua autoria. Eu já havia percebido a constante presença da serpente em várias de suas obras. Ao questionar sobre o assunto, agora me reporto à tecnologia para reproduzir o seu conceito que, segundo ele, as serpentes representavam o caminho das águas e da fartura, pois, por

também viver debaixo da terra e em grandes rios subterrâneos, mantém o movimento da água num eterno pulsar, que nos mantém vivos.

Igualmente tive conhecimento de que sua obra “O Velho Mundo” havia sido adquirida pelo “Centre Georges Pompidou”, em Paris, possuidor do maior acervo de arte moderna da Europa. E as notícias não paravam. Jaider Esbell, seria a espinha dorsal da 34ª Bienal de São Paulo que foi praticamente toda assentada em seu pensamento e sua articulação. E, do lago do Parque do Ibirapuera, o mundo pôde mais uma vez ver e sentir a presença imponente de suas “Entidades”. No Museu de Arte Moderna, coabitando e mesmo espaço da bienal, foi o curador da mostra “Moquém\_Surari: arte indígena contemporânea”, reunindo 34 artistas dos povos Baniwa, Guarani Mbya, Huni Kuin, Krenak, Karipuna, Lakota, Makuxi, Marubo, Pataxó, Patamona, Taurepang, Tapirapé, Tikmũ’ün, Maxakali, Tukano, Wapichana, Xakriabá, Xirixana e Yanomami.

Apesar de, em certa ocasião, ele ter-me dito que admirava a minha busca na fonte e não apenas no que é escrito nos livros, confesso que, diante de tamanha repercussão de sua obra, naquele momento fiquei constrangida ao tê-lo solicitado tanto.

Nesta época, eu ocupava o cargo de Diretora de Comunicação da ANPAIF (Associação Nacional de Professores de Arte dos Institutos Federais) e estava preparando uma nova edição do então informativo artístico e cultural “ARTEFATOS”, que seria inteiramente dedicado aos nossos fazeres artísticos e pedagógicos sobre os povos originários. Em diálogo com meu colega Tales Bedeschi, Professor de Arte do IFMG, Campus Santa Luzia, — profundo conhecedor e pesquisador das vivências e epistemologias dos povos originários — disse-lhe que eu tinha um amigo que faria o editorial daquela edição. Ao citar o nome de Jaider Esbell, mesmo por telefone, pude perceber a reação (talvez espanto) de Bedeschi ao me indagar com um suave toque de exclamação: “Você é amiga de Jaider Esbell?”. Silêncio.

Pouco tempo depois, assisti pelas mídias uma reportagem sobre a Bienal de SP mostrando uma performance estético-política onde Jaider Esbell puxa um cortejo, acompanhado por sua companheira, Dayara Tukano, decretando a “Bienal dos Índios” como gesto de reparação histórica pelas injustiças e exclusão dos povos indígenas, enfatizando que a bienal, realizada há 70 anos, está alicerçada em território guarani e que nunca os povos originários foram convidados a pisar aquele chão que outrora lhes pertencera.



Sim... assim como suas entidades, Jaider Esbell tornou-se gigante.

Em uma de suas últimas *lives*, questionei pelo *chat* sobre seu ateliê em São Paulo, uma vez que, em função da bienal, ele estava constantemente na ponte aérea São Paulo-Boa Vista e precisou providenciar um local para suas criações. Nestas alturas, eu já estava me programando para visitar a bienal daquele ano e, certamente, não queria perder a oportunidade de conhecer aquele que se tornou uma de minhas referências. Minha pergunta ficou sem resposta, mas acreditava que não seria difícil encontrá-lo, até mesmo porque mantínhamos uma relação fraterna, cordial e de respeito mútuo.

Era final de outubro de 2021 quando, nesta mesma noite, recebi sua segunda chamada de vídeo. O que mais me chamou a atenção foi o horário, pois já passava da meia-noite. Eu ainda estava acordada e percebi nitidamente um Jaider divagante. Com a câmera voltada para o ambiente, ele começou a andar pelo espaço me apresentando seu ateliê em São Paulo. Me disse que estava temporariamente no Edifício Copan e que conseguiu um espaço no subsolo do mesmo edifício para instalação do seu ateliê. Ao mostrar o espaço, sustentava uma voz etérea, numa espécie de transe poético, falando dos espaços, do tempo, da arte, do tempo da arte. Me mostrou papéis, tintas, canetas e pincéis. Apesar do meu silêncio em respeito àquele momento, ao final da ligação disse que, como de costume, pretendia visitar a bienal e perguntei sobre a possibilidade de encontrá-lo e qual seria a melhor data. Sua resposta: “Jogue para os céus. Estou cansado, boa noite”.

Passados alguns dias após esta ligação, enviei-lhe uma mensagem confirmando meu intento em visitar a bienal no dia 18 de novembro e queria saber se ele teria disponibilidade nesta data para um chá ou um café.

Mesmo não obtendo sua resposta, já me imaginava em sua presença sentada à mesa do café da icônica Livraria Cultura do Conjunto Nacional, tecendo os mesmos diálogos artísticos, estéticos e folkcomunicacionais que — lá pelos idos dos anos iniciais deste século — tive o privilégio de compartilhar com Gilmar de Carvalho que, dentre tantos universos mágicos, me fez encantar pelo Homero do Sertão.

Neste momento cedo-me a licença de embrenhar pelo universo do encantamento que abrem as portas para a materialização de diálogos imaginários entre almas. Gilmar de Carvalho, Joseph Luyten, Roberto Benjamin, José Marques de Melo e Luís Beltrão, sentados à mesma mesa, teriam muito o que prosear. Provavelmente teceriam críticas aos discursos “oficiais” em detrimento das tradições populares e das vozes das minorias.

Neste contexto, reconheço o “grito” de Jaider Esbell que, ao guiar seus pincéis, engrossa o coro dos inconformados. Ao deparar com sua obra, o espectador sente o clamor de suas pinceladas. Trata-se de um chamamento para questões tão urgentes, tão invisibilizadas e tão negligenciadas pela indústria do lucro e do poder. Mais uma vez reporto-me a “Carta ao Velho Mundo” e “It was Amazon”. Em *Carta ao Velho Mundo*, Esbell “transgride” um clássico livro de arte erudita europeia — “Galeria Delta da Pintura Universal” — através de intervenções em imagens das obras de renomados e consagrados artistas da história da arte, fazendo inserções gráficas e textuais, marginais e marginais. Esta interposição resulta na ressignificação da obra, conferindo-lhe novos sentidos e escancarando verdades que o mundo insiste em não querer ver.

Comungando do mesmo espírito contestador, o artista/ativista Jaider Esbell, utiliza sua arte para chamar a atenção dos espectadores sobre os processos de exploração e destruição da Amazônia através de *It was Amazon*. Nos dezesseis desenhos em preto e branco que compõem esta exposição, o artista descortina os horrores que assolam aquele chão. Sua voz ecoa denunciando o genocídio dos povos originários, o desmatamento, o alcoolismo, o garimpo ilegal, a morte dos rios, dos animais, a venda clandestina de madeira e a configuração do cotidiano do sujeito que ali habita.



À direita, detalhe de “Carta ao Velho Mundo”  
À esquerda, duas obras que compõem “It was Amazon”

Fonte: <http://www.jaideresbell.com.br/site/category/acervo-e-obras/>

Em ambas as obras, sua voz política ecoa denunciando o genocídio dos povos originários e a destruição do ecossistema, nos alertando para a tentativa de discurso civilizatório que oculta a barbárie instaurada.

Devagar, pisando suavemente a terra, Jaider Esbell rompeu barreiras, conquistou territórios que antes não lhes era acessível. A batalha que Esbell enfrentou com as instituições artísticas é similar àquela que estabeleceu com a arte, sendo ela legitimada e entendida enquanto campo epistemológico eurocêntrico. Isto porque ainda não conseguimos desvincular da epistemologia unilateral e que nos é (im)posta como a correta e verdadeira. Fomos doutrinados a ignorar a “Ecologia dos Saberes” que reconhece no mundo a existência não só de diversas formas de conhecimento dos seres, da matéria, da sociedade, da vida e do espírito, assim como a multiplicidade de conceitos e critérios sobre o que é reconhecido enquanto conhecimento, enquanto arte.

Carismático e articulador, Jaider Esbell usou da sua arte para protestar e mostrar novas possibilidades. Inquietou mentes através de sua cosmologia macuxi. Colocou suas entidades para serem contempladas e tornarem símbolo de demarcação de território. Longe de ser vitimista, fez o mundo refletir sobre os anos em que seu povo foi massacrado e sua gente marginalizada. Foi um grande comunicador através da sua visualidade.

Enquanto artista visual, Esbell exerceu com maestria seu ativismo político, social e ambiental. Foi um artista ativista indígena ao combater preconceitos, compartilhar tradições e valorizar a ancestralidade. Dialogando com os conceitos beltrianos, identifico Jaider Esbell como comunicador folk ao levar as vozes e as matizes de seu povo excluído para fora de suas aldeias, alojando-as nos mais diversos espaços, instituições e até mesmo em grandes galerias, tendo como veículo sua arte crítica e de contestação social.

Jaider Esbell, um Folkativista.

Retomando às mesmas reminiscências desta quimera, agora vejo os nobres mestres gentilmente puxarem uma cadeira para mais um lugar à mesa.

No dia 02 de novembro de 2021, Jaider Esbell novamente viralizou em todas as mídias e redes sociais. Meu amigo, que gostava de plantar cebolinhas, encantou-se.

Hoje, Jaider Esbell faz de sua morada a constelação dos seus ancestrais.

Morîpe Man!